

SEÇÃO PRINCIPAL
ARTIGOS EXPOSITIVOS DA BIBLIOGRAFIA DE
KARL MARX DA CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA
CAPITALISTA



FOLHETO Nº 04 (17.04.2026) — GRUNDRISSE. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA
CAPÍTULO DO DINHEIRO (A PRIMEIRA FORMULAÇÃO DA TEORIA MONETÁRIA DE MARX)

- 2) A transição do valor ao dinheiro
 - 2.1) Gênese e essência do dinheiro
 - 2.2) O curso do dinheiro: suas funções principais

SUMÁRIO

FOLHETO Nº 01 (25.10.2024)

GRUNDRISSE. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA
NOTA DO EDITOR
MATERIAL COMPLEMENTAR
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOLHETO Nº 02 (14.03.2025)

GRUNDRISSE. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA
CAPÍTULO DO DINHEIRO (A PRIMEIRA FORMULAÇÃO DA TEORIA MONETÁRIA DE MARX)
1) Karl Marx e a crítica ao socialismo "utópico" francês a partir de Pierre-Joseph Proudhon
1.1) Introdução
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOLHETO Nº 03 (05.09.2025)

GRUNDRISSE. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA
CAPÍTULO DO DINHEIRO (A PRIMEIRA FORMULAÇÃO DA TEORIA MONETÁRIA DE MARX)
(continuação)
1) Karl Marx e a crítica ao socialismo "utópico" francês a partir de Pierre-Joseph Proudhon
1.2) Crítica a Alfred Darimon: *De la réforme des banques* (1856)
CONCLUSÃO DO FOLHETO
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOLHETO Nº 04 (17.04.2026)

GRUNDRISSE. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA
CAPÍTULO DO DINHEIRO (A PRIMEIRA FORMULAÇÃO DA TEORIA MONETÁRIA DE MARX)
(continuação)
2) A transição do valor ao dinheiro 4
2.1) Gênese e essência do dinheiro 5
2.2) O curso do dinheiro: suas funções principais (em breve) -
CONCLUSÃO DO FOLHETO (em breve) -
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 27

FOLHETO Nº 05 (Previsão: 30.05.2026)

GRUNDRISSE. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA
CAPÍTULO DO CAPITAL: PRIMEIRA SEÇÃO: O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CAPITAL
1) Transformação do dinheiro em capital
2) Capital e trabalho
3) Processo de trabalho e processo de valorização
4) Mais-valor (mais-valia)
5) Mais-valor (mais-valia) e lucro
CONCLUSÃO DO FOLHETO
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOLHETO Nº 06 (Previsão: 31.07.2026)

GRUNDRISSE. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA
CAPÍTULO DO CAPITAL: SEGUNDA SEÇÃO: O PROCESSO DE CIRCULAÇÃO DO CAPITAL
1) Processo de reprodução e acumulação do capital
2) Formações econômicas que precederam a produção capitalista
CONCLUSÃO DO FOLHETO
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOLHETO Nº 07 (Previsão: 30.09.2026)

GRUNDRISSE. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA
CAPÍTULO DO CAPITAL: SEGUNDA SEÇÃO: O PROCESSO DE CIRCULAÇÃO DO CAPITAL
(continuação)

3) O circuito do capital

4) Tempo de circulação e a rotação do capital

5) O capital fixo e o capital circulante

CONCLUSÃO DO FOLHETO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOLHETO Nº 08 (Previsão: 30.11.2026)

GRUNDRISSE. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA
CAPÍTULO DO CAPITAL: TERCEIRA SEÇÃO: O CAPITAL QUE GERA FRUTOS: JURO. LUCRO

1) Custos de produção etc.

2) Complementos aos capítulos do dinheiro e do capital

CONCLUSÃO DO FOLHETO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOLHETO Nº 09 (Previsão: 31.12.2026)

GRUNDRISSE. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS [ESBOÇOS] PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA
POLÍTICA

Apêndice: O que os *Grundrisse* oferecem para a superação do capitalismo

CONCLUSÃO DO FOLHETO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONCLUSÃO GERAL DO ARTIGO EXPOSITIVO III

FOLHETO Nº 04¹ (17.04.2026)

GRUNDRISSE. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

CAPÍTULO DO DINHEIRO

(A primeira formulação da teoria monetária de Marx)

2) A transição do valor ao dinheiro

Por meio do Artigo Expositivo III, apresentado em fascículos mensais, a **Expedição Karl Marx** vem explorando os manuscritos *Grundrisse. Elementos fundamentais para a crítica da economia política*, elaborados pelo filósofo alemão-prussiano de Trier, Karl Heinrich Marx, entre 1857 e 1858, durante o exílio na Inglaterra.²

Os *Grundrisse* constituem-se como o primeiro e decisivo conjunto de esboços críticos do modo de produção capitalista, antecedendo *O capital: Crítica da economia política*, obra radiográfica das engrenagens visíveis e ocultas do capitalismo, da qual os manuscritos configuram uma versão inicial, ainda não sistematizada.

Com os subitens "Gênese e essência do dinheiro" e "O curso do dinheiro: suas funções principais", o presente Folheto nº 04 dá continuidade ao tópico de abertura da obra de 1857/1858, o "Capítulo do dinheiro", tido como a formulação preliminar da teoria monetária marxiana³.

1 Nota explicativa: Este texto foi submetido, de forma crítica, a uma ferramenta de Inteligência Artificial, utilizada para testar ideias, organizar sua estrutura e realizar revisão gramatical (incluindo ortografia e pontuação), bem como revisão redacional.

Referência: OpenAI. ChatGPT (versão GPT-4). Modelo de linguagem treinado por inteligência artificial. Disponível em: <https://chat.openai.com/>. Acesso em: 29 mar. 2026.

2 O *Folheto nº 01 – Nota do Editor* expõe o objetivo e o caminho desta caravana literária, descreve a trajetória bibliográfica de Karl Marx até *O capital* e explicita os elementos estruturantes de sua investigação crítico-teórica do capitalismo, bem como apresenta as linhas gerais dos *Grundrisse*, a história de sua elaboração e publicação. O *Folheto nº 02 – Introdução* reúne as considerações preambulares relativas ao primeiro capítulo dos *Grundrisse* propriamente ditos — denominação adotada para designar o agrupamento de cadernos que contém os registros inaugurais da crítica marxiana à economia política —, intitulado "Capítulo do dinheiro". Já o *Folheto nº 03* aborda o primeiro item do capítulo: a crítica de Marx à corrente socialista francesa, de caráter "utópico, o proudhonismo, a partir das propostas de Alfred Louis Darimon sobre reformas da economia capitalista nas esferas monetária, bancária e creditícia, expostas em seu livro *De la réforme des banques* (1856) e fundamentadas nas ideias do filósofo Pierre-Joseph Proudhon. O conteúdo completo dos fascículos publicados até o momento pode ser acessado por meio dos links disponíveis no Sumário.

3 Pelo termo "marxiana(o)" referimo-nos ao próprio Marx e à sua elaboração teórica, em distinção ao vocábulo "marxista", que diz respeito às tradições de recepção e desenvolvimento posteriores de seu pensamento.

Uma vez "suficientemente" esclarecido o conceito de valor no transcórre da polémica com o proudhonista Alfred Louis Darimon — ainda que de modo implícito e não sistematicamente desenvolvido, conforme exposto no Folheto nº 03 —, Karl Marx passa, na sequência dos *Grundrisse*, a descrever e analisar, de forma lógica e progressiva, a passagem do valor ao dinheiro e a transformação do dinheiro em capital, até alcançar aquilo que, segundo o pensador argentino Enrique Dussel, constitui "a descoberta teórica radical" ou, ainda, "a descoberta essencial da sua vida": o mais-valor (ou mais-valia).⁴

É no interior desse movimento que se situa o presente fascículo, detendo-se na primeira das transições mencionadas: **a transformação do valor em dinheiro**.

Nessa direção, os manuscritos de 1857/1858 afastam-se do terreno da polémica circunstancial com o proudhonismo, embora não a abandonem por completo, e enveredam propriamente pelo desenvolvimento de um discurso teórico. Inicia-se, assim, a explicitação mais sistemática dos elementos fundamentais da crítica da economia política capitalista, que encontrará formulação madura em *O capital*, obra maior de Karl Marx e destino final desta Expedição.

2.1) Gênese e essência do dinheiro⁵

A origem do dinheiro

Karl Marx não começa o subitem dedicado à origem e à natureza do dinheiro tomando-o isoladamente. A investigação teórica dos *Grundrisse* propriamente ditos parte do processo de circulação monetária, isto é, da circulação de mercadorias mediada pelo dinheiro, forma mais desenvolvida da circulação mercantil.

É desse ponto de partida que o autor reconstrói as determinações internas do dinheiro: suas propriedades constitutivas fundamentais no interior das relações sociais de troca — a saber: o que é o dinheiro, por que existe, o que expressa, quais são suas funções e em que se transforma no processo social.⁶

4 DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse**. São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2012, p. 15 ("Palavras preliminares"). Na nota 6 da página referida, em carta de janeiro de 1858 a [Friedrich Engels](#) (1820-1895), fazendo menção aos *Grundrisse*, Marx revela: "A propósito: chego [agora] a belos desenvolvimentos, p. ex., a necessidade de abandonar a doutrina [clássica] do lucro". Aqui, Marx anuncia, em primeira mão, a distinção entre lucro e mais-valia como dois conceitos diversos — o que significa, segundo Dussel, "a condição de possibilidade da grande descoberta e o princípio de todo o 'desenvolvimento' posterior".

5 A compreensão do que será exposto neste fascículo pressupõe o conteúdo do Folheto nº 03, no qual, a partir de Marx, são tratados os conceitos de mercadoria e seus atributos — valor, valor de uso e valor de troca —, bem assim categorias como preço, força de trabalho e trabalho humano social abstrato, entre outras, que fundamentam a construção da teoria marxiana do dinheiro.

6 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política**. Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011, p. 95.

Em decorrência dessas determinações, Marx demonstra que o dinheiro só pode ser compreendido a partir da estrutura da mercadoria — valor de uso e valor —, em particular da forma-valor que nela se desenvolve, cujo três caracteres fundamentais são: o trabalho social abstrato como sua substância; a manifestação no intercâmbio entre mercadorias; e a expressão na forma de equivalente geral^{7, 8}.

Por esse breve apanhado preliminar, percebe-se que os manuscritos de 1857/1858 concentram-se na **gênese lógica do dinheiro**, e não em uma explicação histórica direta, sem, contudo, ignorar a dimensão histórica do problema. Sobre o modo de tratamento lógico das categorias econômicas, Friedrich Engels, citado por Roman Rosdolsky, escreveu, em 1859, ao tratar do livro de Marx, *Contribuição à crítica da economia política*, que tal modo de tratamento "não é diferente do histórico, só que está despojado da forma histórica e dos acasos perturbadores. Ali onde começa a história também deve começar o raciocínio, cujo desenvolvimento será apenas o reflexo, em forma abstrata e teoricamente consequente, do devir histórico; [...]". Em outras palavras, as categorias econômicas representam relações reais e não podem ser deduzidas apenas pela lógica, independentemente da história.⁹

Sob uma perspectiva lógico-histórica, investiga-se a necessidade interna do dinheiro como resultado necessário da própria relação de troca. Derivado do intercâmbio mercantil, o dinheiro apresenta-se como desenvolvimento da forma-valor das mercadorias, isto é, como a forma social na qual o valor adquire existência autônoma diante das mercadorias que o contêm.¹⁰

7 Além do nível de determinação geral exposto, em Karl Marx, a forma-valor da mercadoria apresenta também um nível específico, enquanto forma que se desdobra no interior das relações de troca: a) a forma relativa do valor: a mercadoria que expressa seu valor; b) a forma de equivalente: a mercadoria na qual o valor se expressa. Por exemplo: 20 varas de linho = 1 casaco, em que o linho ocupa a forma relativa e o casaco a forma equivalente. O desenvolvimento dessa relação conduz à forma geral do valor e, posteriormente, à forma-dinheiro, movimento que será desenvolvido na sequência.

8 Embora o ponto de partida dos *Grundrisse* seja o dinheiro, forma mais desenvolvida da circulação de mercadorias, seu fundamento lógico reside na mercadoria e no valor. Isso se explica pelo caráter exploratório dos manuscritos: trata-se de uma investigação em processo, e não de uma exposição sistemática acabada. Marx parte do fenômeno mais complexo da circulação simples — o dinheiro — para, via um movimento regressivo, chegar às determinações mais simples que o tornam possível. Esse percurso pode ser esquematizado da seguinte maneira: circulação monetária implica dinheiro, que, como forma autonomizada do valor da mercadoria, se transforma em capital. Na exposição científica posterior, particularmente no Livro I de *O capital* ("O processo de produção do capital"), essa ordem lógica se inverte, partindo da forma mais simples para a mais complexa: mercadoria contém valor, que se expressa autonomizado da mercadoria no dinheiro, o qual se transforma em capital.

(ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2001, pp. 105-106).

9 Idem, p. 109. No método marxiano, a lógica é inserida na história, ou seja, corresponde à história depurada, e não a uma abstração arbitrária.

10 MARX, Karl Heinrich. Op. cit., pp. 90-92; p. 105, 114. No parágrafo, identifica-se a dimensão lógica nas expressões "necessidade interna" e "relação de troca" — tomadas como categorias que exprimem a manifestação do valor (forma-valor) enquanto determinação social, portanto histórica, reconstruída no plano lógico — bem assim no termo "existência autônoma". A dimensão histórica, por sua vez, aparece em "intercâmbio mercantil", entendido como prática e desenvolvimento social efetivo. Cabe acrescentar que, no método marxiano, as categorias econômicas são também históricas, porém, na exposição, podem apresentar-se como lógica da própria história, como ocorre, por exemplo, com a forma-valor.

Segundo Rosdolsky, nos manuscritos de 1857/1858, Karl Marx não reconstrói analiticamente todas as etapas da forma-valor das mercadorias, tal como fará posteriormente em *O capital*. Nos *Grundrisse*, o nível lógico da exposição pressupõe uma circulação mercantil desenvolvida — na qual a forma-dinheiro da mercadoria já se encontra constituída —, isto é, um estágio em que a forma geral do valor já se realizou historicamente. Nesse contexto, pode-se esquematizar um encadeamento do seguinte modo: circulação mercantil desenvolvida exige um equivalente geral de troca, que se manifesta no dinheiro e tende a se converter em capital em busca de valorização.¹¹

No "Capítulo do dinheiro", a análise refaz, no plano lógico, a **transição da forma geral do valor para a forma-dinheiro**, embora esta se encontre historicamente pressuposta no ponto de partida da investigação. Apesar de a perquirição marxiana ter por objeto a sociedade burguesa desenvolvida, o capital ainda aparece aí apenas no horizonte, antecipando sua determinação como dinheiro que se valoriza.

Ademais, sublinhando o caráter social do dinheiro — enquanto forma necessária de manifestação do valor das mercadorias, cuja substância é o trabalho abstrato socialmente necessário —, Marx afasta-se das interpretações que reduzem o dinheiro a simples expediente técnico ou convencional.¹² É o que ocorre, por exemplo, nas leituras proudhonistas, discutidas no Folheto nº 03, para as quais a necessidade do dinheiro surgiria como algo externo ao intercâmbio das mercadorias.

Para o teórico de Trier, ao contrário, tal necessidade é interna ao intercâmbio e decorre da "**contradição**" (grifo nosso) entre, de um lado, a existência natural das mercadorias como valores de uso particulares — portadoras de qualidades e utilidades específicas — e, de outro, sua existência econômica, ou, mais precisamente, sua determinação social, enquanto valores universalmente comensuráveis, ou seja, como grandezas mensuráveis segundo um mesmo padrão ou unidade comum de medida: o tempo de trabalho social abstrato.¹³

Nessa direção, os *Grundrisse* buscam evidenciar a insuficiência da

11 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., pp. 105-108. Diferentemente do que se verifica nos manuscritos, marcados por seu caráter de esboço, em *O capital* é sistematizado o desenvolvimento completo das etapas da forma-valor das mercadorias: i) Forma simples do valor: quando uma mercadoria expressa seu valor em outra — mercadoria *a* = mercadoria *b* (ex.: 1 casaco = 20 varas de linho); ii) Forma expandida, desenvolvida ou total do valor: quando uma mercadoria expressa seu valor em várias outras — mercadoria *a* = mercadorias *b, c, d* etc. (ex.: 1 casaco = 20 varas de linho = 10 quilos de chá = 10 quilos de café etc.); iii) Forma geral do valor: quando todas as mercadorias expressam seu valor em uma única mercadoria, que passa a funcionar como equivalente de todas as outras (ex.: 20 varas de linho = 10 quilos de chá = 40 quilos de café = 1 casaco etc.); iv) Forma-dinheiro: quando a mercadoria que exerce a função de equivalente geral fixa-se socialmente em uma mercadoria determinada (historicamente, sobretudo ouro e/ou prata), por exemplo: 1 casaco = 2 onças de ouro.

12 MARX, Karl Heinrich. Op. cit., p. 94. O caráter social do dinheiro não deriva das propriedades naturais das mercadorias que historicamente assumem a forma-dinheiro (ouro ou prata), mas da própria estrutura social da produção mercantil, cujo desenvolvimento pode ser assim descrito: mercadoria → valor (trabalho abstrato socialmente necessário) → comensurabilidade → necessidade do equivalente geral → dinheiro → ulterior determinação do capital.

13 Idem, p. 91, 93.

concepção que deriva o valor das mercadorias exclusivamente da relação de troca direta entre elas, reduzindo-o ao âmbito da circulação. Na concepção marxiana, porém, o valor nasce na esfera da produção.

Ao revelar, outrossim, a precariedade da interpretação que absolutiza a forma imediata de manifestação do valor, como se este fosse uma propriedade intrínseca das mercadorias consideradas isoladamente, enquanto corpos naturais, torna-se evidente a necessidade lógica de que tal intercâmbio seja mediado por uma terceira mercadoria — o **dinheiro**. Somente por meio dessa mediação o valor pode adquirir uma expressão adequada e universal.¹⁴

Falar da origem lógica do dinheiro implica deduzi-lo da própria estrutura social de produção da mercadoria, ou seja, da **forma social da produção** — o modo historicamente determinado pelo qual os indivíduos se relacionam para produzir a vida material. Desse modo, a mediação monetária no intercâmbio de mercadorias não é algo exterior a essa relação; ela decorre da própria estrutura da forma-valor, fundada no trabalho humano abstrato nelas incorporado — a substância social do valor.

Nas primeiras linhas dos *Grundrisse*, alusivas ao item “Gênese e essência do dinheiro”, lê-se que a relação entre uma mercadoria *a*, que vale $1/x$ de prata, e uma mercadoria *b*, que vale $2/x$ de prata, “é expressa pela proporção na qual ambas são trocadas pelo *quantum* de uma terceira mercadoria, pela prata; não por uma relação de valor” (grifo nosso).¹⁵

A equivalência entre as mercadorias *a* e *b* não se exprime por comparação imediata ou direta entre elas, mas por meio de um “terceiro termo” — no exemplo acima, pela quantidade de prata em que cada qual pode ser trocada. A prata, aqui, não figura como simples mercadoria entre tantas, mas como aquela que assume a função social de equivalente geral, isto é, a condição de dinheiro; em outras palavras, como a forma-dinheiro do valor. Isso é o mesmo que afirmar que o dinheiro possui **função social**: a de ser equivalente geral de trocas entre mercadorias.

Ainda no mesmo desenvolvimento analítico, o teórico de Trier observa que toda mercadoria é “a objetivação [incorporação ou realização, dizemos nós] de um determinado tempo de trabalho”. Essa objetivação constitui o valor da mercadoria, cuja substância, conforme adiantado, é o trabalho abstrato, medido pelo tempo médio de trabalho socialmente necessário em dado momento histórico. Por isso, **o valor é uma relação social**.¹⁶

14 Ibidem, p. 92. A expressão “terceira mercadoria” não deve ser entendida em sentido empírico imediato. No plano da gênese lógica do dinheiro, trata-se da necessidade de que o valor das mercadorias encontre sua expressão em uma mercadoria distinta daquelas que entram na relação de troca direta — uma mercadoria que funcione como equivalente de todas as demais (um equivalente geral). Marx refere-se a ela como um “um terceiro termo”, distinto das mercadorias intercambiadas. Essa questão será explicitada mais adiante.

15 Ibidem, p. 90.

16 A determinação do valor como trabalho abstrato social necessário não é uma hipótese arbitrária, mas resulta do desenvolvimento da análise marxiana. Nos *Grundrisse*, ela aparece de modo ainda não sistematizado.

Todavia, embora o trabalho abstrato seja a substância do valor — e a força de trabalho a mercadoria cujo consumo produz valor (sua fonte) —, a terceira mercadoria que medeia a troca não se identifica nem com o trabalho abstrato nem com a força de trabalho. Historicamente, mercadorias particulares assumiram socialmente a função de equivalente geral. Do ponto de vista histórico, essa função foi desempenhada sobretudo pelo ouro e pela prata. Sob o aspecto lógico, contudo, trata-se da forma-dinheiro, isto é, da figura autonomizada e socialmente reconhecida do valor. Esse é o marco central do "Capítulo do dinheiro". Passemos a ele.

A natureza do dinheiro

Uma vez estabelecida a gênese lógica do dinheiro — sua origem na relação social da produção das mercadorias e a necessidade, daí decorrente, da mediação monetária para viabilizar o intercâmbio —, passa-se, então, ao exame de sua essência.

À luz do exposto no tópico anterior, não exige esforço perceber que a determinação da natureza do dinheiro em Karl Marx gira em torno da forma-valor da mercadoria. A esse respeito, afirma:

"O valor da mercadoria é **diferente** da própria mercadoria. O valor (valor de troca) é a mercadoria somente na troca (efetiva ou imaginada); o valor não é só a permutabilidade dessa mercadoria em geral, mas sua permutabilidade específica. O valor é ao mesmo tempo o expoente da relação na qual a mercadoria se troca com outras mercadorias e o expoente da relação na qual a mercadoria já se trocou com outras mercadorias na produção (tempo de trabalho materializado); é permutabilidade determinada quantitativamente" (grifo nosso).¹⁷

articulada principalmente à crítica das teorias que derivam o valor da circulação ou o reduzem a uma convenção monetária, como a teoria defendida por Alfred Darimon apresentada no Folheto nº 03. Apenas em *O capital*, especialmente no capítulo primeiro do Livro I, que essa concepção será exposta de modo rigoroso e sistematizada, por meio da análise da mercadoria.

17 MARX, Karl Heinrich. Op. cit., pp. 90-91. Remetendo-nos à nota explicativa do folheto anterior quanto ao tratamento terminológico das categorias "valor" e "valor de troca" nos *Grundrisse*, observa-se que, frequentemente, ambos os termos são empregados sem distinção rigorosa, sendo muitas vezes utilizado indistintamente. Embora a diferenciação conceitual entre essas categorias já esteja presente nos manuscritos, o autor acaba recorrendo ao vocábulo "valor de troca" para designar o *valor* e sua substância (trabalho abstrato ou trabalho social). No entanto, a distinção é inequívoca, como o próprio Karl Marx ali mesmo demonstra: "[...] O valor de troca *subtende* o trabalho social como a substância [do valor, dizemos nós] de todos os produtos, abstraindo totalmente de sua naturalidade" (grifo nosso). O valor de troca é a forma pela qual o valor se torna comparável com outro, é o modo pelo qual uma mercadoria, enquanto valor, pode ser comparada e trocada com outra. Ao remeter o valor de troca, em sua forma simples, ao trabalho social, Marx pressupõe o valor como sua base, haja vista sua substância, cuja medida é o tempo — não o tempo de trabalho individualmente incorporado nos produtos, mas o tempo de trabalho socialmente necessário em determinado contexto histórico (Idem, p. 151; 85). Nos *Grundrisse*, já se delineia que o valor da mercadoria é uma qualidade social fundada no trabalho humano abstrato, ao passo que o valor de troca corresponde à sua forma de manifestação relacional entre mercadorias, que encontra sua efetivação na esfera da circulação.

Na passagem a que esta nota se refere, nosso autor utiliza ambos os vocábulos de forma articulada, ao indicar que o valor somente se efetiva socialmente na troca, na qual se manifesta sob a forma de valor de troca.

No plano natural de existência, enquanto valores de uso, dotadas de propriedades naturais e portadoras de utilidades específicas, as mercadorias não são mensuráveis por uma mesma unidade de medida: "As mercadorias, p. ex., uma vara de algodão e uma medida de óleo, consideradas como algodão e óleo, são naturalmente diferentes, possuem qualidades distintas, são medidas diferentes, são incomensuráveis"¹⁸,¹⁹.

Como corpos naturais, as mercadorias não são equivalentes entre si: qual seria o parâmetro objetivo para se trocar diretamente livro por pão?

No plano social, contudo, consideradas como valores, mercadorias distintas tornam-se comparáveis e mensuráveis entre si:

"Como valores, todas as mercadorias são qualitativamente idênticas e apenas quantitativamente diferentes; portanto, todas se medem reciprocamente e se substituem (se trocam, são mutuamente convertíveis) em relações quantitativas determinadas. O valor é sua **relação social**, sua **qualidade econômica**" (grifo nosso).

Vê-se aqui que Marx prepara o terreno para mostrar que, sendo as mercadorias naturalmente diferentes e, portanto, incomensuráveis, a comensurabilidade não pode advir de suas propriedades naturais. A comensurabilidade só pode derivar de uma determinação social. Essa determinação é o valor em sentido estrito, cuja substância é o trabalho abstrato socialmente necessário, medido pelo tempo médio de trabalho social despendido na produção.

A título de exemplo, o filósofo esclarece: "Um livro de um valor determinado e um pão com o mesmo valor trocam-se mutuamente, são o mesmo valor, só que em materiais diferentes".

Por isso, com R\$ 10,00 posso adquirir um litro de leite ou determinada quantidade de pão. Ambos os produtos são considerados equivalentes não em razão de suas propriedades materiais ou de suas utilidades concretas, mas porque incorporam a mesma quantidade de tempo de trabalho abstrato socialmente necessário, expressando, assim, o mesmo valor sob formas materiais distintas: "Como valor, a mercadoria é simultaneamente equivalente para todas as outras mercadorias em uma determinada proporção".

Na condição de valor, a mercadoria torna-se comparável a todas as outras, pois, nessa condição, todas são expressões de trabalho abstrato:

Evidencia-se, assim, que o valor exprime simultaneamente duas dimensões da relação social das mercadorias: de um lado, a relação de troca entre elas, na qual o valor se manifesta como valor de troca; de outro, a relação social de produção que lhes dá origem, isto é, o trabalho humano abstrato objetivado nas mercadorias — o valor em sentido estrito.

18 Incomensurável: aquilo que não pode ser medido ou avaliado em relação àquilo outro; algo que não possui medida comum.

19 MARX, Karl Heinrich. Op. cit., p. 91.

"Como valor, a mercadoria é equivalente; como equivalente, todas as suas qualidades naturais são nelas extintas; não mantém mais qualquer relação qualitativa particular com as outras mercadorias; ao contrário, é tanto a medida universal como a representante universal, como o meio de troca universal de todas as outras mercadorias".

O valor somente pode dotar as mercadorias de comensurabilidade porque possui como substância aquilo que é comum a todas elas e lhes confere universalidade, na medida em que são valores: o trabalho social.²⁰

No entanto, e aqui chegamos ao núcleo deste tópico, a universalidade que o valor confere às mercadorias não pode permanecer apenas implícita. A existência puramente econômica do valor exige uma forma própria e separada da mercadoria enquanto corpo natural: "Como valor, [a mercadoria, dizemos nós] é dinheiro".

Assim, Marx dispõe: "dado que a mercadoria [...] é diferente de si como valor, como valor, é diferente de si como produto". A sua determinação como valor "não somente pode como deve adquirir simultaneamente uma existência diferente de sua existência natural" — **uma forma própria, por meio da qual o valor nela já contido adquire expressão social autônoma.**

E por que isso ocorre? Ocorre, segundo o filósofo de Trier, exatamente porque, se, "como valores, as mercadorias são diferentes entre si apenas quantitativamente, cada mercadoria tem de ser qualitativamente diferente de seu próprio valor". Se assim não fosse, a troca generalizada moderna não seria possível.

Explica-se: se o valor tivesse de permanecer ligado diretamente a cada mercadoria — isto é, se mantivesse intrínseco a cada uma delas, sem adquirir uma forma distinta e autônoma —, a troca burguesa seria inviável, pois não haveria uma medida geral objetiva que permitisse comparar todas as mercadorias entre si na prática.

A troca dependeria sempre de uma coincidência entre os trocadores (uma coincidência de necessidades): eu tenho uma vara de algodão e quero uma medida de óleo; o outro possui óleo, mas teria de querer, precisamente, uma vara de algodão.

Em uma sociedade em que a troca não se orienta pela satisfação direta de necessidades, mas pela valorização do valor, isto é, pela obtenção de lucro, tal limitação implicaria a completa inviabilidade da própria circulação das mercadorias (e, com ela, da reprodução das relações de troca).

Não por acaso, conforme visto no Folheto nº 03 na crítica ao socialista Alfred Darimon, Marx demonstra que o problema não é apenas a dificuldade prática da troca direta, mas a impossibilidade de realização do valor: sem uma forma autônoma do valor — o dinheiro —, as mercadorias não podem se converter umas nas outras de

²⁰ Observe que, em Marx, é o valor que é universal, pois sua substância é comum a todas as mercadorias. Estas participam da universalidade na medida em que são valores.

maneira generalizada, e a circulação paralisa.²¹

Vê-se aqui bem delineada a distinção entre a universalidade do valor enquanto determinação interna de todas as mercadorias (universalidade potencial ou implícita) e sua existência autônoma enquanto dinheiro, forma em que essa universalidade se realiza socialmente (universalidade efetiva). Assim, na qualidade de valores, as mercadorias participam de uma universalidade que apenas o dinheiro realiza de maneira autônoma em relação a elas.

Por isso, prescreve Karl Marx, o valor da mercadoria deve possuir uma existência qualitativamente distinta dela própria, sendo que, na troca efetiva, essa separabilidade entre a mercadoria como corpo natural e seu valor deve converter-se em separação real. A diversidade natural das mercadorias tem de entrar em "contradição" com sua equivalência econômica²².

Ambas as determinações (diversidade natural e equivalência econômica) "só podem coexistir porque a mercadoria adquire uma dupla existência, ao lado de sua existência natural adquire uma existência puramente econômica, na qual a mercadoria é simples signo, uma letra para uma relação de produção, um simples signo para seu próprio valor". Sob a forma econômica, a mercadoria aparece como portadora de uma relação social, funcionando como expressão de seu próprio valor, tornando-se, por isso, mero símbolo de seu valor. Toda mercadoria só é igualmente divisível porque é também valor. Não é divisível em sua existência natural.²³

"Como valor, a mercadoria permanece a mesma, quantas sejam as metamorfoses e formas de existência que percorra; na realidade, as mercadorias só são trocadas porque são heterogêneas e correspondem a diferentes sistemas de necessidades. Como valor a mercadoria é universal; como mercadoria efetiva, é uma particularidade".

Para que essa forma-valor não permaneça apenas como determinação ideal, o valor deve assumir uma forma socialmente autônoma, distinta da própria mercadoria. A mercadoria, enquanto valor, remete a uma relação social que exige uma forma de existência separada dela, embora nela se contenha. Além disso, embora o valor seja uma determinação social (trabalho abstrato), cada mercadoria porta valor enquanto relação social, porém esse valor ainda não possui uma forma de expressão que seja comum a

21 No Folheto nº 03, a problemática da necessidade do dinheiro na sociedade burguesa, como forma monetária autonomizada do valor, aparece empiricamente na análise da crise econômica europeia de 1857, em contraponto às propostas do proudhonismo para resolvê-la, apresentadas por Darimon. A crítica de Karl Marx à corrente socialista francesa é sintetizada na seguinte passagem de carta ao revolucionário inglês Joseph Weydemeyer, conforme transcrito, com base em *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*, de Roman Rosdolsky, no tópico conclusivo daquele folheto: "[...] aniquilam-se seus fundamentos, atualmente em moda na França, que pretende deixar subsistir a produção privada, organizando a troca dos produtos privados; quer a mercadoria mas não quer o dinheiro".

22 Como algo naturalmente incomensurável pode tornar-se economicamente comensurável? Na sociedade burguesa, fundada no lucro, é essa possibilidade, que se converte em necessidade social, que o dinheiro realiza.

23 MARX, Karl Heinrich. Op. cit., p. 91.

todas as mercadorias. Ele aparece ora numa, ora noutra. O valor ainda não está posto como universal; sua forma ainda não é socialmente reconhecida por todos. O valor, para existir socialmente, requer uma forma comum de expressão.

A forma autônoma de existência do valor — uma relação social que adquire objetividade independente — é o dinheiro. Nesse sentido, o que aparece empiricamente na troca efetiva de mercadorias expressa um encadeamento lógico da forma-valor, que pode ser assim explicitado: mercadoria contém valor (trabalho abstrato socialmente necessário), o que lhe confere comensurabilidade, assegurada por meio de equivalente geral — o dinheiro.²⁴

Eis, portanto, a essência do dinheiro em Karl Marx: **a forma universal e autonomizada do valor, sua existência social independente como forma monetária**. O dinheiro, na sociedade burguesa, é a forma necessária de existência do valor, e não mera convenção ou instrumento técnico da circulação de mercadorias, como ainda hoje sustentam muitas interpretações apologéticas da economia política capitalista.

Não obstante já termos evidenciado acima a essência do dinheiro tal como descoberta nos *Grundrisse*, seguimos nos manuscritos para desenvolvê-la mais detidamente.

Como valor em sentido estrito, a mercadoria, ao ser dotada de equivalência econômica, é potencialmente permutável. Entretanto, na troca concreta, ela se torna permutável apenas quando preenche condições determinadas: enquanto valor de uso, deve corresponder a necessidades; e, enquanto valor de troca, deve expressar a proporção quantitativa pela qual se troca por outras mercadorias.

Embora o valor seja o elemento fundamental que torna as mercadorias economicamente equivalentes, "na troca efetiva", diz Marx, "a mercadoria só é permutável em quantidades relacionadas às suas propriedades naturais e correspondentes às necessidades daqueles que trocam".

Assim, a equivalência econômica entre mercadorias funda-se no valor, isto é, numa relação social cuja substância comum é o trabalho abstrato socialmente necessário para produzi-las. É essa equivalência que permite o intercâmbio real entre as mercadorias, o qual se realiza por meio de uma determinação quantitativa desse valor, que se expressa como valor de troca e se fixa de maneira autônoma no dinheiro.

Nesse ponto, cumpre observar, com Karl Marx, que as determinações afloradas como propriedades específicas do dinheiro (medida de troca, meio de troca,

24 Não se pode perder de vista a noção marxiana fundamental exposta no parágrafo em nota: a troca efetiva revela o encadeamento lógico entre as categorias — mercadoria → valor → comensurabilidade → equivalente geral → dinheiro —, mas não o funda. É esse encadeamento que torna possível a própria troca. A manifestação empírica do intercâmbio de mercadorias é expressão de uma necessidade lógica do dinheiro, e não o contrário, como se a relação de troca fosse seu fundamento. O dinheiro constitui, assim, a forma necessária de mediação do intercâmbio mercantil na sociedade capitalista. A forma monetária do valor é o conteúdo que resulta desse encadeamento lógico — o dinheiro é seu resultado inevitável. O desenvolvimento das categorias que compõem a forma-valor das mercadorias exige o dinheiro como forma de expressão desse valor.

representante das mercadorias, equivalente geral e universal junto às mercadorias particulares), separadas das mercadorias, não lhe pertencem originariamente. Elas decorrem da determinação do dinheiro como valor, isto é, do fato de o dinheiro ser o valor objetivado e autonomizado em relação às mercadorias, determinações que já estavam presentes nelas enquanto valor (existência e caráter social, comensurabilidade universal, equivalência e intercambialidade geral).²⁵

Em síntese, afirma o autor dos *Grundrisse*: "todas as propriedades enumeradas como propriedades particulares do dinheiro são propriedades da mercadoria como valor de troca; propriedades do produto como valor, à diferença do valor como produto [ou seja, à diferença do produto como simples valor de uso, dizemos nós]".²⁶

As propriedades mencionadas são todas pertencentes à mercadoria enquanto forma-valor, requerendo apenas uma forma adequada de existência e manifestação no dinheiro.

Nesse contexto, Marx condensa, de modo particularmente sintético, a determinação fundamental ou essencial do dinheiro tal como desenvolvida ao longo dos manuscritos de 1857/1858: "(O valor de troca [no sentido de valor estrito senso, dizemos nós], como existência particular ao lado da própria mercadoria, é dinheiro; a forma na qual todas as mercadorias se igualam, se comparam, se medem; [a forma] em que todas as mercadorias se resolvem, aquilo que se resolve em todas as mercadorias; o equivalente universal)" (grifo nosso).²⁷

Essa determinação não é apenas teórica. Ela se manifesta na prática cotidiana da circulação, como indica a seguinte passagem dos *Grundrisse*:

“A todo instante, no cálculo, na contabilidade etc., transformamos as mercadorias em signos de valor, as fixamos como simples valores de troca, abstraindo de sua matéria e de todas as suas propriedades naturais. No papel, na cabeça, essa metamorfose procede por simples abstração; mas na troca efetiva é necessária uma *mediação* efetiva, um meio, para implementar essa abstração”.

Na condição de valores de uso, as mercadorias são naturalmente distintas: possuem qualidades diferentes e, consideradas em sua materialidade, são incomensuráveis entre si. Embora, na prática, possam ser trocadas uma pela outra, essa troca não encontra fundamento em suas propriedades naturais, pois não há uma medida objetiva que determine a relação $x \text{ livro} = y \text{ pão}$. Por isso, enquanto meros produtos dotados de propriedades naturais, não podem ser trocadas com base nesses atributos, posto que uma não vale naturalmente a outra.

25 MARX, Karl Heinrich. Op. cit., p. 95.

26 Idem, p. 91-92. Conforme nota 17, Marx opera um deslocamento conceitual, passando de "valor de troca", termo da linguagem corrente, ao "valor", explicitando a determinação social mais fundamental da mercadoria, isto é, o valor *stricto sensu*.

27 Ibidem, p. 92.

Para que o intercâmbio de mercadorias seja possível, a mercadoria tem de ser transformada em valor. Marx assinala: "Temos primeiro que convertê-la em si mesma como valor de troca, para então comparar e trocar esse valor de troca com outros". Mais adiante descrevendo mais detalhadamente esse processo, ele escreve:

"Quando um produto (atividade) devém valor de troca, é transformado não só em uma relação quantitativa determinada, em uma proporção – a saber, em um número que expressa qual quantidade de outras mercadorias é igual a ele, seu equivalente, ou em qual relação é o equivalente de outras mercadorias –, mas deve ao mesmo tempo ser transformado qualitativamente, ser convertido em um outro elemento, para que ambas as mercadorias devenham magnitudes concretas com a mesma unidade, logo, devenham comensuráveis. A mercadoria tem de ser convertida primeiro em tempo de trabalho, portanto, em algo qualitativamente dela diferente (qualitativamente diferente 1) porque ela não é tempo de trabalho como tempo de trabalho, mas tempo de trabalho materializado; tempo de trabalho não sob a forma de movimento, mas de repouso; não sob a forma de processo, mas de resultado; 2) porque ela não é a objetivação do tempo de trabalho em geral, que existe apenas na representação (que é, ele próprio, apenas trabalho separado de sua qualidade, trabalho só quantitativamente diferente), mas o resultado determinado de um trabalho determinado, naturalmente determinado, qualitativamente diferente de outros trabalhos), para poder então ser comparada, como quantum determinado de tempo de trabalho, magnitude de trabalho determinada, com outros quanta de tempo de trabalho, outras magnitudes de trabalho".²⁸

O processo pelo qual a mercadoria é reduzida a trabalho abstrato socialmente necessário (valor em sentido estrito) e determinada quantitativamente como um *quantum* de tempo de trabalho, torna possível a comparação e a troca com outras mercadorias. Essa comparabilidade se expressa precisamente na forma de valor de troca, que constitui a forma relacional de manifestação do valor.

A proporção da troca não decorre arbitrariamente nem de suas qualidades físicas. As mercadorias só podem tornar-se comensuráveis enquanto expressões de uma mesma substância social: o trabalho abstrato.

Como valores, todas se igualam, diferenciando-se apenas quantitativamente. Assim, "todas se medem reciprocamente e se substituem (se trocam, são mutuamente convertíveis) em relações quantitativas determinadas": o proprietário da mercadoria *a*, que vale $2/x$ de prata pode trocá-la pela mercadoria *b*, que vale $1/x$ de prata, relação que, como já dito, posteriormente se fixa de maneira autônoma no dinheiro.²⁹

²⁸ Ibidem, p. 93.

²⁹ Ibidem, p. 91.

Conforme enfatizado, o valor da mercadoria, ao adquirir existência autônoma ao lado da própria mercadoria, assume, na troca efetiva, a forma monetária. O valor não é, portanto, uma simples propriedade interna da mercadoria, mas a qualidade econômica que torna possível a troca real entre mercadorias distintas. Trata-se de uma determinação social que, ao se efetivar na circulação, aparece como valor de roca, encontrando no dinheiro sua forma de expressão social comum adequada e independente da própria mercadoria.³⁰

O dinheiro não cria o valor, nem o determina a partir de fatores externos como renda, oferta ou demanda. Esses elementos exteriores à mercadoria influenciam apenas as oscilações dos preços, ou seja, a forma fenomênica sob a qual o valor se expressa, sem alterar sua substância. O valor permanece enraizado no trabalho humano abstrato socialmente necessário, sendo o dinheiro a forma pela qual essa determinação adquire existência própria.

O que antes era uma abstração lógica, que permite a comparação das mercadorias entre si, na troca efetiva essa abstração deve ser, por sua vez, "objetivada, simbolizada, realizada por um signo". Símbolo este que resolve a contradição entre as propriedades naturais das mercadorias, que as fazem distintas, e a sua determinação como valores e simples números concretos, embora essa permutabilidade, em termos gerais, dependa de condições locais, temporais etc. (disponibilidade local de mercadorias, necessidades específicas das pessoas, entre outras) para realizar-se.

O dinheiro é a forma equivalente social universal de manifestação do valor — uma função social no âmbito de um sistema de troca mercantil como o capitalista. Enquanto equivalente geral, ele não é simplesmente um *quantum* particular, mas a unidade na qual os *quanta* de valor se expressam, sob "reconhecimento universal", por isso "um símbolo social", pois "expressa de fato uma relação social", sendo assim "um produto da própria troca, e não a implementação de uma ideia concebida a priori".³¹

Quando o valor se manifesta na relação proporcional entre mercadorias, assume a forma de valor de troca (x da mercadoria A = y da mercadoria B). Quando o valor é expresso monetariamente, temos o preço: A = R\$ 10,00; B = R\$ 15,00.³²

Perante o acúmulo de informações apresentadas, vale sintetizar, de forma esquemática e teórico-descritiva, com finalidade estritamente didática — uma vez que o método marxiano não opera de maneira linear³³ —, o percurso até aqui desenvolvido

30 Ibidem, p. 93.

31 Ibidem, p. 94.

32 No já citado Folheto nº 03, apresentamos a distinção entre valor e preço, inicialmente explicada por Marx na crítica ao proudhonista Alfred Darimon: o valor forma o preço, mas este, submetido às leis do mercado (oferta e demanda), sofre oscilações externas ao valor, para mais ou para menos. Em regra, não coincidem; e, quando o fazem, isso ocorre por mero acaso (Ibidem, pp. 88-89; ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 100).

33 Nos *Grundrisse*, Karl Marx adverte contra o "modo idealista da apresentação" das categorias econômicas, que pode levar à interpretação de que elas se desenvolvem segundo uma sequência linear, como se derivassem conceitualmente umas das outras, quando, na verdade, o método marxiano reconstrói teoricamente determinações que coexistem no interior de uma totalidade já desenvolvida — a sociedade capitalista (MARX,

acerca da natureza do dinheiro, segundo os *Grundrisse*: produto → mercadoria → valor (substância: trabalho social abstrato, medido pelo tempo médio de trabalho social necessário) → valor de troca (forma relacional de manifestação do valor entre mercadorias, isto é, a proporção quantitativa em que uma mercadoria é trocada por outra) → dinheiro → preço (expressão do valor na forma-dinheiro, ou seja, sua manifestação monetária, ainda que sujeita a variações recorrentes de fatores externos, como oferta e demanda).³⁴

Na construção lógica apresentada no primeiro capítulo dos manuscritos de 1857/1858, vê-se que o produto adquire uma "dupla existência": primeiro na "cabeça", depois na "troca efetiva", quando, no intercâmbio real, portanto já como mercadoria, aparece, de um lado, como produto natural e, de outro, como valor. Em suas palavras, Karl Marx afirma que o valor da mercadoria adquire uma existência material dela separada, mas, ao mesmo tempo, existente junto dela sob outra forma: o valor "desprendido das próprias mercadorias e ele próprio existente junto delas como mercadoria é **dinheiro**. Todas as propriedades da mercadoria como valor de troca [valor em sentido estrito, dizemos nós] aparecem no *dinheiro* como um objeto diferente dela, como uma forma de **existência social** desprendida de sua forma de existência natural" (grifo em itálico do autor, grifo em negrito nosso).

Sendo, pois, parte primordial das engrenagens que põem em funcionamento o sistema cujo fundamento reside no intercâmbio mercantil orientado pelo lucro e, por conseguinte, pelo valor de troca, tem-se que, para Marx, assim como é impossível suprimir as complicações e contradições do dinheiro derivadas dessa sua existência fora e, simultaneamente, ao lado das mercadorias, por meio da alteração de sua forma — como pretendem os proudhonistas, ao propor o dinheiro-trabalho —, "é igualmente impossível suprimir o próprio dinheiro enquanto o valor de troca [valor em sentido estrito, dizemos nós] permanecer a forma social dos produtos".³⁵

Sabe-se que, no capitalismo contemporâneo, o dinheiro já não precisa

Karl Heinrich. Op. cit., p. 100). Nesse sentido, como enfatiza o professor Luiz Gonzaga Belluzzo, a singularidade do método de Marx está, entre outros aspectos, na apresentação das categorias em sua dinâmica e em seu movimento lógico dentro de uma totalidade já transformada. Conforme discutido no Artigo Expositivo II, a partir do texto *Introdução à crítica da economia política*, Marx busca expor as determinações das categorias em sua conexão interna, e não seguindo uma sequência cronológica ou evolutiva.

34 MARX, Karl Heinrich. Op. cit., 94. O produto transforma-se em mercadoria, isto é, torna-se objeto de troca; a mercadoria devém valor, que se manifesta como valor de troca e se autonomiza externamente como dinheiro, aparecendo como preço. Embora o preço seja incluído no encadeamento descrito, no nível de análise apresentado no "Capítulo do dinheiro" Marx ainda se encontra no plano da comensurabilidade lógica entre mercadorias. Seu foco ainda recai sobre as relações de valor entre elas, e não sobre a circulação efetiva (compra e venda) mediada pelo dinheiro. Ele está buscando explicitar por que o dinheiro, tal como se apresenta, se faz imprescindível na forma social burguesa — como uma necessidade imanente —, razão pela qual não se pode pressupor, nesse estágio, operações que já dependem dele. Como indica o próprio título da seção, o objeto da investigação marxiana, nesse momento, é a gênese e a essência do dinheiro, e não o dinheiro enquanto complexo de relações já desenvolvido, o dinheiro em suas determinações mais concretas, como na forma de capital e como instrumento de produção de mais-valor (lucro, em sentido amplo).

35 Idem, p. 95.

apresentar-se como uma mercadoria específica dotada de valor próprio, tal qual ocorria com os metais preciosos (ouro e prata) no século XIX e em boa parte do século XX. Na teoria marxiana, como se observa, o poder do dinheiro não decorre de um corpo natural portador de valor, mas de sua capacidade de representar socialmente o valor.

Quanto mais a produção se desenvolve e a troca mercantil se amplia e se complexifica, de maneira que cada produtor se vê dependente do valor de troca de sua mercadoria — em última instância, do mercado —, e quanto mais o produto efetivamente se transmuta em valor de troca, e este se torna o objeto imediato da produção, pondo-se como pressuposto necessário do intercâmbio orientado pelo lucro, mais as relações monetárias tendem a se desenvolver e, com elas, as contradições imanentes à relação monetária — "à relação do produto consigo mesmo como dinheiro".

Aprofundando a investigação desse movimento, o filósofo de Trier constata: "A necessidade da troca e a transformação do produto em puro valor de troca [em mercadoria, dizemos nós] avançam na mesma medida da **divisão do trabalho**, i.e., com o caráter social da produção". Todavia, prossegue ele, na mesma medida em que o caráter social da produção cresce, "cresce o **poder do dinheiro**, i.e., a relação de troca se fixa como um poder externo frente aos produtores e deles independente" (grifo em itálico do autor, grifo em negrito nosso).³⁶

No miolo do trecho transcrito do "Capítulo do dinheiro", sobressai uma elaboração teórica "quase perdida", conforme assinala o professor Mário Duayer na "Apresentação" dos *Grundrisse* da edição de 2011 da Boitempo Editorial,³⁷ contida na expressão "poder do dinheiro". Trata-se de uma formulação crucial para se apreender a profundidade da investigação marxiana, que alcança as próprias entranhas do modo de produção capitalista.³⁸

O dinheiro, diz Marx, que aparecia em sua origem histórica como forma de

36 Destaca-se do parágrafo a relação entre a necessidade da troca, a transformação do produto em mercadoria e a divisão do trabalho. Por divisão do trabalho pode-se entender, em termos gerais, a repartição das atividades produtivas em diferentes tarefas, desempenhadas por distintos trabalhadores. Essa noção foi classicamente desenvolvida pelo economista [Adam Smith](#) (1723-1790) em sua importante obra *A Riqueza das Nações*, por meio de exemplos, especialmente o da famosa fábrica de alfinetes, em que a categoria aparece como decomposição do processo produtivo em etapas, como especialização dos trabalhadores e como fonte de aumento da produtividade (SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. Volume I, Livro 1. São Paulo-SP: Editora Martins Fontes, 3ª ed., 2020, pp. 7-9). Reconhece-se que Karl Marx parte, em especial, de Smith para tratar da divisão do trabalho, porém reformula o conceito ao considerá-lo como expressão do caráter social da produção, conforme indicado na transcrição dos *Grundrisse* constante do parágrafo em nota: na medida em que cresce a divisão do trabalho, desenvolvem-se a necessidade da troca e a transformação do produto em valor de troca (mercadoria), ao mesmo tempo em que se amplia o poder do dinheiro, o que torna os produtores mutuamente dependentes. Desse processo decorrem a generalização da troca de mercadorias e a autonomização do valor, culminando na necessidade do dinheiro. Em *O capital*, no Capítulo 12 do Livro I, a divisão do trabalho é abordada de forma sistemática. O ponto central da questão na obra maior de Marx reside na análise de como a divisão do trabalho, no interior da produção capitalista, articula-se à constituição de produtores privados independentes que só se relacionam entre si via mercado (MARX, Karl Heinrich. **O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. ed., 2017, pp. 411-443).

37 MARX, Karl Heinrich. *Grundrisse*. Op. cit., p. 20 ("Apresentação").

38 Idem, p. 95.

fomento da produção, em virtude de suas propriedades como meio universal e medida das trocas, como representante e equivalente geral junto às mercadorias particulares, "converte-se em uma **relação estranha** aos produtores. Na mesma proporção com que os produtores se tornam dependentes da troca, a troca parece tornar-se independente deles e parece crescer o abismo entre o produto como produto e o produto como valor de troca" (grifo nosso).

Não obstante, o teórico alemão-prussiano observa que o dinheiro não cria essas contradições e antíteses; ao contrário, é o desenvolvimento dessas próprias inconsistências que engendra "o poder aparentemente transcendental do dinheiro".

Vejamos a importante observação de Mário Duayer, que desperta a atenção para a questão, em uma breve, mas elucidativa, digressão diretamente relacionada ao tema do dinheiro, a respeito do que denomina de "concepção de vida social estranhada e de dominação abstrata" a partir do poder do dinheiro, presente nos *Grundrisse*:

"A articulação entre os produtores, portanto, deixa de ser operada por relações de dominação e subordinação pessoais e passa a ser realizada pela troca. O que conecta os sujeitos — agora produtores de mercadorias — é a sua necessidade de produzir valor, riqueza universal, dinheiro. Em uma palavra, os sujeitos são articulados como produtores, isto é, como meros trabalhadores, e nessa condição têm de produzir valor, riqueza abstrata e, por isso, crescente. Como resultado dessa forma particular de sociabilidade determinada pela relação mercantil, os sujeitos — reduzidos a trabalhadores — estão subordinados à dinâmica incontrolada do produto de sua própria atividade, de seu trabalho. Nessas circunstâncias, como o valor é a categoria determinante do produto do trabalho, segue-se que o sentido da produção é a quantidade, e, portanto, o seu crescimento ilimitado. Trata-se, desse modo, de uma forma de dominação abstrata em que o sentido do produto, o sentido da produção da riqueza, está perdido para os sujeitos".³⁹

O destaque conferido por Duayer à elaboração teórica descrita — ao enfatizar que a dominação abstrata pressuposta nas relações sociais mediadas pela forma mercantil burguesa e sua tendência à reprodução ampliada, perseguindo a produção crescente de mais-valor (ou mais-valia) — permite compreender por que propostas de reforma da produção capitalista mostram-se estruturalmente limitadas.

Nesse sentido, tal leitura também ilumina o fundamento teórico do chamado Socialismo Científico de Karl Marx e Friedrich Engels, que sustenta a necessidade de transformação das estruturas sociais burguesas em sua raiz, isto é, mediante a superação das formas de "dominação autoproduzida" que lhes são próprias.

Ao mesmo tempo, esse destaque revela um núcleo teórico por vezes pouco explorado no interior das análises das determinações do dinheiro nos *Grundrisse*.

³⁹ Ibidem, pp. 19-20 ("Apresentação").

Marx retoma o tema com maior desenvolvimento em *O capital*, especialmente na seção sobre o caráter fetichista da mercadoria.⁴⁰

Inserido nesse horizonte interpretativo, o dinheiro contemporâneo, cuja eficácia repousa em suportes jurídico-institucionais e contábeis garantidos pelo Estado e pelo sistema de crédito, a exemplo do papel-moeda inconversível, das inscrições digitais, dos registros bancários e das unidades de contas eletrônicas, pode ser compreendido como configuração da substituição da materialidade do dinheiro por uma objetividade simbólica, isto é, uma forma fiduciária socialmente reconhecida, que reforça essa concepção de vida social estranhada.

Nada disso, porém, altera sua determinação essencial; ao contrário, a reforça. O dinheiro continua, e precisa continuar, funcionando como forma autonomizada do valor. É essa autonomização que o mantém como um "**terceiro termo**" necessário da troca (grifo nosso), como a expressão social do trabalho abstrato — forma geral sob a qual o valor se apresenta e se torna operante na circulação.⁴¹

A autonomização do dinheiro em relação a uma mercadoria particular não exclui sua vinculação à forma-valor; ao contrário, traduz o grau mais desenvolvido do valor autonomizado. Quanto mais o dinheiro se emancipa de um corpo natural, mais se evidencia sua determinação propriamente social: ele é a representação socialmente reconhecida do trabalho abstrato. Quanto mais o dinheiro se desmaterializa, mais se reforça essa sua natureza.

Já foi dito e repetido que o valor, enquanto determinação social, distingue-se da mercadoria em sua existência imediata. A mercadoria, em seu estado natural, corresponde ao valor de uso. O valor, em sentido estrito, não é propriedade natural das coisas, mas uma relação social que, embora tenha origem na produção, só se manifesta na circulação, quando assume a forma de valor de troca, isto é, a proporção na qual as mercadorias se trocam: "O valor (valor de troca) é a mercadoria somente na troca (efetiva ou imaginada) [...]", crava Marx.⁴²

Assim, continua ele, "a relação na qual se troca [uma coisa, acrescentamos] por outra mercadoria ou na qual outra mercadoria é trocada por ela", constitui, no valor de troca — forma de manifestação exterior do valor, frisa-se —, a expressão quantitativa do tempo de trabalho socialmente necessário objetivado em sua produção.

Quando a mercadoria não está na troca, seu valor em sentido estrito, enquanto determinação social, ainda não se realizou: não foi socialmente validado nem

40 A leitura de Mario Duayer acerca da dominação abstrata, ou seja, de dominação social impessoal, mediada por categorias como valor e dinheiro, presente no tópico sobre o dinheiro dos manuscritos de 1857/1858, aproxima-se de interpretações contemporâneas como as de [Moishe Postone](#) (1942-2018), aproximação, aliás, que o próprio Duayer reconhece em exposições didáticas sobre os *Grundrisse*.

41 MARX. Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., pp. 92-93. Repare que num regime monetário fiduciário (baseado na confiança) o dinheiro já não é necessariamente uma mercadoria, porém continua ocupando logicamente o lugar estrutural de uma terceira mercadoria.

42 *Idem*, p. 90.

assumiu a forma de valor de troca. Está apenas pressuposto no processo de produção. Fora do intercâmbio, o que se apresenta imediatamente é o valor de uso, categoria que designa as propriedades materiais da coisa e sua utilidade, independentemente de ser trocada ou não. A determinação da mercadoria como algo material (ou também não material, como no caso dos serviços) existe antes e fora da troca: o livro possui a propriedade de ser lido, o pão de ser comido, o alfaiate de confeccionar a roupa.

Ora, se todas essas determinações da mercadoria dizem respeito ao valor, por que Marx não as denomina indistintamente de valor em sentido estrito? Porque, para ele, o valor é uma determinação (característica) social da mercadoria: embora seja criado a partir do trabalho humano abstrato objetivado na produção, o valor só adquire existência efetiva — **validação social** — na e pela relação entre mercadorias, isto é, na esfera da circulação, como valor de troca.

Considerada isoladamente, a mercadoria possui propriedades físicas e utilidade — valor de uso —, bem como valor pressuposto. Não possui, contudo, valor de troca. Este pressupõe a validação social do trabalho nela contido, validação que se concretiza quando o trabalho privado se confirma como trabalho abstrato socialmente necessário à produção.

Daí a formulação marxiana, embora não apareça de modo literal nos *Grundrisse*, mas ali seja amplamente desenvolvida, **segundo a qual o valor se constitui na produção e somente se realiza na troca.**

Antes da troca, a mercadoria é produto de trabalho privado objetivado nela (o pão fabricado pelo padeiro). Embora a mercadoria contenha trabalho, o trabalho humano incorporado na mercadoria, vista esta isoladamente, ainda não possui validade social. Tal validade só se estabelece quando a mercadoria entra na relação de troca, momento em que se verifica se o tempo de trabalho nela incorporado corresponde ao tempo socialmente necessário. Apenas então o trabalho privado se converte em trabalho abstrato socialmente validado e, portanto, em valor realizado.

Por isso, o valor não se reduz a viabilizar a permutabilidade da mercadoria em geral; designa também "sua permutabilidade específica", isto é, a forma social determinada pela qual essa mercadoria se relaciona com todas as demais no interior do sistema de trocas. É precisamente nesse ponto que se observa o entrelaçamento entre a gênese, a necessidade do dinheiro e sua essência.

O dinheiro não surge como coisa, nem como simples instrumento técnico ou convenção, mas como forma necessária de existência do valor. Sem o dinheiro, o valor não pode adquirir expressão objetiva, geral e socialmente válida, nem a autonomia necessária para cumprir sua função no sistema de trocas burgueses.

Portanto, a gênese do dinheiro não é meramente convencional nem arbitrária, porém lógica; e sua essência, decorrente dessa lógica, consiste em ser a

expressão do valor autonomizado face à mercadoria como corpo natural.

Para uma melhor compreensão do que foi exposto até aqui, é necessário levar em conta o alerta metodológico feito por Karl Marx no capítulo sobre o dinheiro. Todo o raciocínio desenvolvido pressupõe, para fins de exposição, que o valor de troca — a proporção quantitativa na qual o valor se expressa — coincide com o valor de mercado, ou, nas palavras do autor, que "o valor real é igual ao preço".

Corroborando o que foi observado em nota de rodapé, nesse nível de intangibilidade da análise, as oscilações introduzidas pela oferta e pela demanda são omadas conscientemente como desprovidas de efeito próprio e, portanto, abstraídas. Embora Karl Marx já reconheça que esses fatores não determinam o valor das mercadorias, eles influenciam sua expressão fenomênica: o preço ou valor de mercado.

Com o avanço da divisão do trabalho, conforme mencionado, a autonomização do valor das mercadorias no dinheiro influencia diretamente a transformação de todas as relações sociais de produção em relações mediadas pelo dinheiro — mais do que isso, "**em relações de dinheiro**" (grifo nosso).⁴³

Essa mudança radical nas relações de produção leva Marx a formular uma questão decisiva, mais uma entre tantas: "a existência do dinheiro ao lado das mercadorias" — que permitiu a mediação do intercâmbio pelo dinheiro —, "não envolve desde logo contradições que estão dadas nessa própria relação?"⁴⁴

Tais antíteses pertencem à própria essência do dinheiro, não porque sejam por ele criadas, mas porque decorrem das contradições inerentes à forma-valor das mercadorias. Esse desenvolvimento contraditório possibilita e engendra a submissão das relações sociais ao dinheiro, como determinação imanente ao capitalismo.

Em primeiro lugar, a necessidade de a mercadoria existir duplamente — como produto determinado e como portadora de valor, o qual se autonomiza no dinheiro como valor de troca — configura uma contradição em si mesma.

Essa duplicidade torna possível, em termos abstratos, a troca entre mercadorias distintas por meio de um equivalente geral. Contudo, implica também a possibilidade de que essas duas formas de existência da mercadoria — corpo natural (valor de uso) e valor — não sejam mutuamente convertíveis.

Na troca, a mercadoria é demandada por suas propriedades naturais, pelas necessidades das quais é objeto. No intercâmbio efetivo, porém, a permutabilidade da mercadoria por dinheiro depende de condições externas que podem ou não ocorrer.

O fato de a permutabilidade existir fora da própria mercadoria, sob a forma do dinheiro, faz com que este se apresente como algo distinto e estranho a ela. Algo com que ela deve primeiro ser equiparada, a saber: um equivalente de troca universal e

⁴³ Ibidem, p. 95.

⁴⁴ Ibidem, p. 96.

socialmente reconhecido — o dinheiro, forma autonomizada do valor, cuja substância comum, não se perca de vista, é o trabalho social abstrato.⁴⁵

Mas isso só parcialmente resolve o problema: para que seja superada a inconvertibilidade original das mercadorias, é necessário que essa equiparação, dependente de condições externas e contingentes, efetivamente se realize. Entre essas condições destacam-se: a existência de demanda efetiva (necessidade acompanhada de poder de compra); a proporção entre oferta e demanda (que pode ser insuficiente, deslocada no tempo e no espaço ou mesmo saturada); a validação social do tempo de trabalho (de modo que produções ineficientes ou desqualificadas não sejam reconhecidas pelo mercado); e as condições concretas de realização (venda) da mercadoria (acesso ao mercado, circulação do dinheiro, funcionamento do crédito).

Como condição última, e a mais importante, encontra-se a contingência: o fato de que nenhuma dessas condições está garantida. Disso resulta a possibilidade da não realização da troca, isto é, de que a transformação da mercadoria em dinheiro (a venda) não esteja assegurada em si mesma, dependendo de um processo social que pode falhar. Em outros termos, a transformação da mercadoria em dinheiro sujeita-se a condições sociais que escapam ao controle do produtor, o que constitui, em Marx, a base das crises, a ser examinada em momento próprio.

Em segundo lugar, uma vez que o valor da mercadoria também existe duplamente, como mercadoria específica e como dinheiro, a troca se dissocia em dois atos mutuamente independentes: troca-se mercadorias por dinheiro e troca-se dinheiro por mercadorias — compra e venda.

Como esses dois atos não são necessariamente coincidentes no tempo e no espaço, a identidade imediata entre eles se rompe. Compra e venda podem se corresponder ou não, ainda que tendam constantemente a se equiparar. Em lugar da desejada identidade imediata, surge "o constante movimento de equiparação, que pressupõe justamente a constante não equiparação". A realização (venda) da mercadoria passa, assim, a depender do desdobramento necessário da troca em dois atos, que apesar de complementares são dissonantes.

Em penúltimo lugar, Marx aponta outra contradição derivada da existência do dinheiro ao lado das mercadorias. Como consequência da separação entre compra e venda, fica patente uma nova relação: a troca pela troca separada da troca para o consumo. Surge, assim, uma instância intermediária entre os produtores: "um estamento que só compra para vender e só vende para novamente comprar".

Não está em jogo, nessa operação, a posse das mercadorias como um fim, mas somente a obtenção de valor, ou seja, de dinheiro. Diferentemente de formações sociais em que a troca se orienta predominantemente para o consumo, destinando

45 *Ibidem*, p. 97.

apenas o excedente da produção à obtenção de valores, o estamento mercantil característico do capitalismo, orienta a produção para o lucro, convertendo essa finalidade em princípio geral e imperativo.

A autonomização do valor no dinheiro, destacado dos produtos, corresponde também à autonomização do comércio como função separada dos produtores. Como observa Marx, "a finalidade do comércio não é diretamente o consumo, mas o **ganhar dinheiro**, valor de troca [valor em sentido estrito, dizemos nós]" (grifo nosso).

Essa duplicação da troca gera uma nova desproporção. Por mais que a troca mercantil e a troca para o consumo, ou seja, a relação entre comércio e consumidores, devam se condicionar reciprocamente, seus interesses são determinados por leis e motivos diferentes e podem entrar em contradição. Na separação dessas duas dimensões da troca, diz Marx, "já reside a possibilidade de crises comerciais".⁴⁶

Na passagem seguinte dos manuscritos, evidencia-se a articulação dialética fundamental entre circulação — esfera do intercâmbio das mercadorias (o ponto de encontro entre comércio e consumidor) — e produção. A produção, orientada diretamente para o comércio e apenas indiretamente para o consumo, não apenas é afeada por essa incongruência, como também a reproduz.

Aqui emerge um fenômeno decisivo: demanda e oferta tendem a inverter-se — a oferta passa a condicionar a demanda, ao contrário do que ocorreria em formações sociais nas quais predomina a produção orientada diretamente para o consumo.

Ademais, prossegue o teórico de Trier, "O negócio de dinheiro separa-se, por sua vez, do comércio propriamente dito": o dinheiro que originalmente figura como representante de todos os valores, na prática, em uma inversão, passa a ocupar posição dominante, convertendo produtos e trabalhos reais em seus representantes.

Na proporção em que o produto do trabalho (seja coisa ou serviço) e o próprio trabalho se subordinam à lógica da troca burguesa, chega-se a um ponto em que ambos se separam de seu possuidor imediato, o produtor. "Resulta fortuito", observa Marx, "se após tal separação, retornam ao seu possuidor sob outra forma".⁴⁷

A partir do instante em que o dinheiro ingressa no intercâmbio e se impõe como mediador universal, o produtor é compelido a trocar o resultado de seu trabalho pelo valor de troca geral — o dinheiro — para só então possa adquirir os bens de que necessita. O produto de seu trabalho passa a depender do circuito ampliado do comércio, sendo arrancado de seus limites. É nesse processo contraditório que o produto se afirma plenamente como mercadoria.

Em quarto e último lugar, surge outra incongruência: o valor, que no dinheiro aparece como mercadoria universal (equivalente geral), apresenta-se

46 Ibidem, p. 98.

47 Ibidem, p. 99.

simultaneamente como mercadoria particular, uma vez que o dinheiro possui existência específica e autônoma ao lado das demais mercadorias.

Ainda que funcione como equivalente universal, porque só existe na troca, o dinheiro confronta a permutabilidade particular das mercadorias como sua forma geral, ao mesmo tempo em que as duas permutabilidades devem permanecer reciprocamente convertíveis. Dessa tensão resulta mais uma contradição: o dinheiro entra em conflito consigo mesmo e com sua própria determinação de equivalente geral, pois, sendo a expressão da universalidade do valor, é também uma mercadoria particular — uma terceira mercadoria, ou um terceiro termo na troca — que, quando assume a forma de signo da mercadoria, permanece submetido às condições particulares do intercâmbio.

Por assim ser, sua pretensão de permutabilidade absoluta e universal é constantemente desafiada por sua existência efetiva como mercadoria singular, o que constitui uma fonte imanente de contradições na circulação.

De acordo com Karl Marx, o dinheiro devém uma mercadoria como as outras mercadorias e, ao mesmo tempo, não é uma mercadoria como elas: é equivalente geral, porquanto expressão do valor, cuja substância é o trabalho social abstrato, que faz mercadorias distintas serem qualitativamente equivalentes, mas também expressa um valor particular fora da mercadoria que é permutável com outros valores particulares, sendo uma coisa permutável dentre outras coisas permutáveis.

Note o leitor(a) que, na exposição das contradições do dinheiro como forma autônoma do valor das mercadorias ao lado delas, Marx já aponta para o capital comercial, para o problema das crises, para o dinheiro como poder social autônomo (um fim em si mesmo), para a imposição do valor como lógica dominante da produção (isto é, a produção passa a ser orientada para a obtenção de valor, e não para o uso), para o momento em que a troca deixa de ser meio para se tornar um fim em si mesma e para o movimento embrionário pelo qual o dinheiro tende a transformar-se em capital.

Nesse sentido, ao tratar da passagem da troca para o consumo à troca pela troca, Marx antecipa o que, posteriormente, em *O capital*, será sistematizado como duas formas distintas de circulação: a circulação simples de mercadorias (M — D — M), o processo vender para comprar, em que a venda da mercadoria tem por finalidade a compra de outra, e a circulação do capital (D — M — D'), processo comprar para vender, onde a compra tem por finalidade a valorização do valor, sendo M a mercadoria, D o dinheiro inicialmente adiantado e D' o dinheiro acrescido de um excedente, que corresponde à expressão do movimento pelo qual o valor se valoriza.

Em última instância, o que se tem configurado nas contradições da existência do dinheiro ao lado das mercadorias é a autonomização de formas sociais como o valor, o próprio dinheiro e o comércio, as quais, apesar de derivadas das relações entre produtores, passam a confrontá-los como potências independentes e

dominantes. Essas formas autonomizadas expressam relações sociais⁴⁸ mediadas pelo trabalho social abstrato que, ao se objetivarem na mercadoria, assumem a aparência de coisas que passam a governar os próprios indivíduos.

É nesse sentido que se delinea o que Mário Duayer denomina de "dominação abstrata", conforme mencionado anteriormente.

Na segunda parte deste Folheto nº 04, o foco recairá sobre o dinheiro como poder social e agente dessa dominação que caracteriza a ordem burguesa.

48 Relações sociais específicas do modo de produção capitalista nas quais os produtores privados se relacionam entre si por meio da troca de seus produtos, tendo seus trabalhos reduzidos a trabalho humano abstrato, tornados comparáveis e validados na troca segundo o tempo de trabalho socialmente necessário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. **Darimon, bancos e crédito: Notas sobre os Grundrisse e a transição para o socialismo**. Belo Horizonte-MG: Texto para discussão nº 353. Cedeplar/UFMG. 2009. Disponível em <https://1library.org/br/download/874392890870136833>.

ALEXANDR, Lozovski. **Marx e os sindicatos. Capítulo II - Marx contra o Proudhonismo e o Bakuninismo**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lozovski/ano/marx/02.htm>.

ALVES, Álvaro Marcel. **O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade**. Revista de Psicologia da UNESP 9(1), 2010. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/422/400>.

ANTUNES, Jadir. **A dialética do valor em O capital de Karl Marx**. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q&esrc=s&source=web&cd&ved=2ahUKEwiF-PzZ4c7yAhXKI7kGHSfbDIAQFnoECAwQAw&url=https%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Foj%2Findex.php%2Fintuitio%2Farticle%2Fdownload%2F9664%2F8478%2F&usq=A0vVaw051UXferYxYQBfqZb-tU3n>.

BARSOTTI, Paulo. **Dossiê artigos do jornalista Karl Marx sobre a crise de 1857-1858**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/ano/mes/40.pdf>

BAPTISTA, Paulo Cabaça. **O Socialismo de Pierre-Joseph Proudhon e a sua influência em Oliveira Martins e Antero de Quental**. Disponível em <https://cabacabaptista.blogspot.com/2012/12/o-socialismo-de-pierre-joseph-proudhon.html>.

BENOIT, Hector. **Resenha de “Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx”**. Revista Outubro nº 07. Disponível em <http://longoestudo.blogspot.com/2012/09/resenha-de-genese-e-estrutura-de-o.html>.

CARCANHOLO, Reinaldo A. **Marx, Ricardo e Smith: Sobre a Teoria do Valor-Trabalho**. Vitória-ES: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo (EDUFES), 2013,

_____. **Sobre gênese e estrutura de “O capital” de Karl Marx, de Roman Rosdolsky**. Disponível em <https://pt.calameo.com/read/00014074925811e4f526d>.

CARVALHO, Edmilson. **A totalidade como categoria central da dialética marxista**. Revista Outubro, nº 15, 2007. Disponível em <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-15-Artigo-06.pdf>.

CERQUEIRA, Hugo Eduardo da Gama. **David Riazanov e a Edição das Obras de Marx e Engels**. Brasília-DF: Anpec. Revista Economia Vol. 11 n. 1, 2010. Disponível em https://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf.

COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção**. Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/cohen/1983/mes/forcas.htm>.

COTRIM, Felipe. **Jovem Engels: dialética e crítica da economia política**. São Paulo-SP: IX Congresso de História Econômica: 200 anos de Karl Marx (USP), 2018. Disponível em https://www.academia.edu/43351095/Jovem_Engels_dial%C3%A9tica_e_cr%C3%ADtica_da_economia_pol%C3%ADtica.

DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLtk3MGEtZmE0Y2Y5YWEwNTY1/view?hl=pt_PT.

DUAYER, Mário. **Grundrisse| Aula 6| III Curso Livre Marx-Engels**. Videoaula. TV Boitempo Editorial, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região e Centro de Pesquisas 28 de Agosto. São Paulo-SP. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jmrnEoaq70>.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse**. São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2012.

EICHENGREEN, Barry. **Globalizando o capital: uma história do sistema monetário internacional**. Trad. Sérgio Blum. São Paulo-SP: Editora 34, 2ª ed., 2012.

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico** Escritos filosóficos. O Essencial de Marx e Engels. Organização: Marcello Musto. São Paulo-SP: Editorial Boitempo, 2024

_____. **Esboço para uma crítica da economia política e outros textos de juventude** Organização: José Paulo Netto. São Paulo-SP: Editorial Boitempo, 2021.

FONTES, Virgínia; COUTINHO, Carlos Nelson; NETTO, José Paulo. **Grundrisse, de Marx** (videopalestra). TV Boitempo Editorial (Youtube), 2011. Visto em <https://youtu.be/Xhds6tHvb08?t=2056>.

_____. **O Jovem Marx e a Lei do Furto de Madeira**. (vídeo entrevista). Marxismo em Foco. 202 Filmes. Disponível em https://youtu.be/5k9FFhnNiM?si=xydX7Ge9_sxBhdD5.

FRAZÃO, Diva. **Karl Marx, filósofo e revolucionário**. Disponível em https://www.ebiografia.com/karl_marx/.

GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo**. Disponível em <https://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/372/CIRCULACAO%20DE%20CAPITAL.htm>.

GRANEMANN, Sara. **O processo de produção e reprodução social: trabalho e sociabilidade**. Disponível em <https://www.cressrn.org.br/files/arquivos/s709726Gx6l8W29E12Si.pdf>.

GRESPLAN, Jorge e DUAYER, Mário. **Grundrisse, de Marx**. Videoaula. TV Boitempo Editorial e parceiros. São Paulo-SP, 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=LlcqIQmc_ks&t=6s.

ILIENKOV, Evald Vasilievich. **A Dialética do Abstrato e do Concreto em O Capital de Karl Marx. Capítulo 1. A Concepção Dialética e Metafísica do Concreto**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1960/dialetica/01.htm>.

JAPPE, Anselm. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx (comentário sobre o livro de Roman Rosdolsky)**. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/genese-e-estrutura-de-o-capital-de-karl-marx/>.

KLIMAN, Andrew. **A crítica de Marx a Darimon nos Grundrisse**. Disponível em <https://marxisthumanistinitiative.org/economics/marxs-critique-of-darimon-in-the-grundrisse.html>.

LIMA, Laís Leni Oliveira. **Aparência e Essência: da alienação ao fetiche**. Jataí-GO: Itinerarius Reflectionis – Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí - UFG, Vol. II, n. 5, 2008. Disponível em <https://revistasufj.emnuvens.com.br/rir/article/view/20416>.

LOPES, João do Carmo; ROSSETTI, José Paschoal. **Moedas e Bancos: uma introdução**. São Paulo-SP: Editora Altas S.A. 3ª Edição, 1983.

MACHADO, Gustavo. **Conceitos básicos do marxismo: forças produtivas e relações de produção**. Canal Orientação Marxista (YouTube), em <https://youtu.be/8wQZpciKdqc>.

_____. **Marx e a impossibilidade de reformar a sociedade capitalista**. Disponível em <https://teoriaerevolucao.pstu.org.br/marx-e-a-impossibilidade-de-reformar-a-sociedade-capitalista/>.

_____. **Rosdolsky: Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. Vídeo da Série Sugerindo Livros. Canal Orientação Marxista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QGvNePeLIYQ>.

MARX, Karl Heinrich. **Cadernos de Paris**. Escritos filosóficos. O Essencial de Marx e Engels. Organização: Marcello Musto. São Paulo-SP: Editorial Boitempo, 2024.

_____. **Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução**. Escritos filosóficos. O Essencial de Marx e Engels. Organização: Marcello Musto. São Paulo-SP: Editorial Boitempo, 2024.

_____. **Crítica do Programa de Gotha**. Escritos políticos. O Essencial de Marx e Engels. Organização: Marcello Musto. São Paulo-SP: Editorial Boitempo, 2024.

_____. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo-SP: Editora Levoir S.A. Coleção Folha de São Paulo Grandes Nomes do Pensamento, 2015.

_____. **Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política**. Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos [1] [2]**. Escritos filosóficos. O Essencial de Marx e Engels. Organização: Marcello Musto. São Paulo-SP: Editorial Boitempo, 2024.

_____. **Miséria da filosofia**. Escritos econômicos. O Essencial de Marx e Engels. Organização: Marcello Musto. São Paulo-SP: Editorial Boitempo, 2024.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro II – O processo de circulação do capital.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro III – O processo global da produção capitalista.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro IV. Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico.** Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil S/A, 2ª. Edição, Volume I, 1987.

_____. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2011.

_____. **Para a Crítica da Economia Política.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

_____. **Teses sobre Feuerbach.** Escritos filosóficos. O Essencial de Marx e Engels. Organização: Marcello Musto. São Paulo-SP: Editorial Boitempo, 2024.

_____. **Trabalho assalariado e capital.** Escritos econômicos. O Essencial de Marx e Engels. Organização: Marcello Musto. São Paulo-SP: Editorial Boitempo, 2024.

_____. **Artigos para o New-York Tribune.** Escritos econômicos. O Essencial de Marx e Engels. Organização: Marcello Musto. São Paulo-SP: Editorial Boitempo, 2024.

MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo-SP: Editora Martins Fontes, 2ª Edição, 2001.

____ e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.

MATTOS, Laura Valladão de. **Marshall e os críticos à economia política clássica.** Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo (PUC-SP). Acessível em

<https://www.scielo.br/j/rep/a/dvxbd5xrvrWmJh5p4nhnz9d/>.

MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas.** Crítica Marxista. Campinas-SP. Unicamp. 2010. Disponível em

https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf

MIRANDA, Marloren Lopes. **Filosofia, Saber Absoluto e Ciência: da Fenomenologia do Espírito à Ciência da Lógica.** Disponível em

<https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/546/490>.

MOURA, Alessandro de. **A ruptura de Marx com Hegel: Crítica da filosofia do direito de Hegel.** Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/A-ruptura-de-Marx-com-Hegel-Critica-da-filosofia-do-direito-de-Hegel>.

MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política.** Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-Encontro-de-Marx-com-a-Economia-Politica/4/40043>.

NEGRI, Antonio. **Marx além de Marx: Ciência da crise e da subversão: caderno de trabalho sobre os Grundrisse.** São Paulo-SP: Editora Autonomia Literária, 2016.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica** Capítulo 3 – Produção de mercadorias e modo de produção. Itens 3.1.-3.2.-3.5. São Paulo-SP: Cortez Editora, Volume 1, 2021. Disponível em <https://zoboko.com/text/y530je2v/economia-politica-uma-introducao-critica/1>

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método da teoria social.** Disponível em <https://www.pcb.org.br/portal/docs/int-metodo-teoria-social.html>. em

_____. **Introdução ao método de Marx (primeira parte).** Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s>.

_____. **Introdução ao método de Marx (segunda parte).** Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Dl3Yocu-1oI>.

_____. **Karl Marx. Uma biografia.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2020.

_____. **Marx: dialética para principiantes.** Dia M 2022. Canal TV Boitempo Editorial, 2022. Disponível em <https://youtu.be/ywZQnMnGejk>.

OLIVEIRA, Pedro de. **Karl Marx e seus artigos para o New York Daily Tribune.** Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/152/internacional/3259/karl-marx-e-seus-artigos-para-o-new-york-daily-tribune.html>.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Ribamar dos Santos. **O conflito: Marx e o materialismo contemplativo.** Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4695/3829>.

OPENAI. ChatGPT: versão GPT-4. Modelo de linguagem treinado por Inteligência Artificial. Disponível em: <https://chat.openai.com/>.

PAMPLONA, Rui Eduardo S. de Oliveira. **Arrazoado do manuscrito Teses sobre Feuerbach.** Disponível em <https://expedicaokarlm Marx.com.br/wp-content/uploads/2024/05/1.2.2.-Exp.KarlMarx-Conh.Marx-Pensamento-Filosofico-Teses-sobre-Feuerbach-Plano-6-v.4-18.02.22.pdf>.

_____. **Artigo Expositivo I – Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx.** Blog Expedição Karl Marx: Para ler *O capital*. Disponível em <https://expedicaokarlm Marx.com.br/wp-content/uploads/2024/02/22BLOG1.pdf>.

_____. **O Materialismo Histórico-Dialético: Introdução.** Artigo. Blog Expedição Karl Marx: Para ler "O capital". Disponível em <https://expedicaokarlm Marx.com.br/wp-content/uploads/2024/05/1.2.-Exp.KarlMarx-Conh.Marx-Pensamento-Filosofico-O-Materialismo-Historico-e-Dialetico-Plano-6-v2.-02.12.21.pdf>.

PAULANI, Leda. **Teoria do Valor. Curso *O capital* de Marx.** Curso Livre Marx e Engels. Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s>.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação.** Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/30353https://www.scielo.br/j/icse/a/RCh4LmpxDzXrLk6wFR4dmSD/?format=pdf>.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **O que é a propriedade.** Lisboa-Portugal: Editorial Estampa, 2ª edição, 1975.

QUINTEIRO, Thiago. **A consciência em Hegel, a pós-modernidade e a esquerda alienante.** Disponível em <https://www.pocosja.com.br/2019/07/19/a-consciencia-em-hegel-a-pos-modernidade-e-a-esquerda-alienante/>.

RIEDEL, Manfred. **Dialética nas instituições. Sobre a estrutura histórica e sistemática da filosofia do direito de Hegel** (tradução de Selvino José Assmann). Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/dialetica_hegel.pdf.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx.** Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2001.

SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. **Marx, Proudhon e Darimon: diálogos sobre o dinheiro.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, Artigo, Revista Crítica Marxista, 2001. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/03rober.pdf.

SARTORI, Vitor Bartoletti. **De Hegel a Marx: da inflexão ontológica à antítese direta.** Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01602X2014000200014.

SAWAIA, Bader Burihan. **Transformação social: um objeto pertinente à psicologia social?** Artigos. Psicol. Soc. 26 (spe2), 2014. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000600002>.

SIQUEIRA, Vinícius. **A dialética da produção e consumo - Karl Marx.** Portal Colunas Tortas. Disponível em <https://colunastortas.com.br/producao-e-consumo-em-marx/>.

SITE GAZ.WIKI. **Teorizando o valor dos produtos de trabalho.** Disponível em https://gaz.wiki/wiki/pt/Law_of_value.

SITE INFOPEDIA. **Materialismo.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$materialismo](https://www.infopedia.pt/$materialismo).

_____. **Relações Sociais.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais).

SITE JORNAL GGN. **Concepção do fim da história.** Disponível em <https://jornalggm.com.br/noticia/nota-sobre-a-concepcao-do-fim-da-historia-um-embate-entre-marx-e-hegel-mediado-por-mezzaros-em-para-alem-do-cap/>. em

SITE MAESTRO VIRTUALE. **Lógica formal.** Disponível em https://maestrovirtuale.com/lógica-formal-objeto-de-estudo-características-e-exemplos/?expand_article=1.

SITE SÓ ESCOLA. **O que é lógica dialética na filosofia.** Disponível em <https://www.soescola.com/glossario/o-que-e-lógica-dialetica-na-filosofia>. em

SITE WIKIPEDIA. **Adam Smith.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith.

_____. **Alfred Darimon.** Disponível em https://fr.wikipedia.org/wiki/Alfred_Darimon.

_____. **Classe social.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial>.

_____. **Crise de 1857.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857.

_____. **Crise do capitalismo** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_do_capitalismo

_____. **David Ricardo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo.

_____. **Dialética.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica>.

_____. **Dinheiro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinheiro>.

_____. **Divisão social do trabalho** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_social_do_trabalho em

_____. **Economia Clássica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_c%C3%A1ssica. em

_____. **Economia marxiana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana.

_____. **Economia Neoclássica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_neoc%C3%A1ssica. em

_____. **Economia Política.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_po%C3%Adtica.

_____. **Economicismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Economicismo>.

_____. **Fetichismo da mercadoria.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria. Disponível em

_____. **Fim da história.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim_da_hist%C3%B3ria.

_____. **Força de trabalho.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho.

_____. **Forças produtivas.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas.

_____. **Charles Fourier.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Fourier

_____. **Friedrich Engels.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels.

_____. **Gazeta Renana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische_Zeitung.

_____. **Georg W. F. Hegel.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel. em

_____. **Hegelianismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianismo>.

_____. **Hegelianos de direita.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianos_de_direita.

_____. **Henri de Saint-Simon.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Henri_de_Saint-Simon.

_____. **História da Moeda.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda#Hist%C3%B3ria>.

_____. **História do comunismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo. em

_____. **Idealismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo>.

_____. **Idealismo alemão.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo_alem%C3%A3o.

_____. **Influências em Karl Marx.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%Aancias_em_Karl_Marx. em

- _____. **Infraestrutura e superestrutura.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura_e_superestrutura. em
- _____. **Instituto Marx-Engels-Lenin (IMEL).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/InstitutoMarx-Engels-Lenin>. em
- _____. **John Maynard Keynes.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Maynard_Keynes.
- _____. **Jovens hegelianos.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Joven_hegelianos.
- _____. **Lei de Say.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_de_Say.
- _____. **Lei do valor.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor.
- _____. **Libra.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_\(massa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_(massa)).
- _____. **Livre associação de produtores.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_\(comunismo_e_anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)). em
- _____. **Luta de classes.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes.
- _____. **Mais-trabalho.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.
- _____. **Mais-valia (mais-valor).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.
- _____. **Mão invisível.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A3o_invis%C3%ADvel.
- _____. **Marxismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.
- _____. **Matéria.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_(filosofia)).
- _____. **Materialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo>.
- _____. **Materialismo dialético.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico. em
- _____. **Materialismo histórico.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico. em
- _____. **Meios de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Mercado livre.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_livre.
- _____. **Mercadoria no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo. em
- _____. **Mercantilismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.
- _____. **Metodologia da Economia.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia. em
- _____. **Modo de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Modo de produção socialista.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3%A3osocialista>. em
- _____. **Moeda fiduciária.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_fiduci%C3%A1ria.
- _____. **Mutualismo.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_(economia)).
- _____. **Neoliberalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Neoliberalismo>.
- _____. **Nova Gazeta Renana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Neue_Rheinische_Zeitung.
- _____. **Padrão ouro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Padr%C3%A3o-ouro>.
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon.
- _____. **Moishe Postone.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Moishe_Postone.
- _____. **Práxis.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.
- _____. **Proletariado.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Racionalização.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Racionaliza%C3%A7%C3%A3o>.

- _____. **Reino da Prússia**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%BAssia.
- _____. **Relações de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Renânia**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Renânia>.
- _____. **Revolução francesa**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa. em
- _____. **Revolução Industrial**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution.
- _____. **Roman Rosdolsky**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Rosdolsky.
- _____. **Segunda Revolução Industrial**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial. em
- _____. **Ser**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser>.
- _____. **Socialismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>.
- _____. **Socialismo democrático**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismocient%C3%Adfico>. em
- _____. **Socialismo ricardiano**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_ricardiano.
- _____. **Socialismo utópico**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico>.
- _____. **Sociedade comunista**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista
- _____. **Substância**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_(filosofia)).
- _____. **Táler**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A1ler>.
- _____. **Taxa de exploração**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Taxa_de_explora%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Teoria do valor-trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho.
- _____. **Trabalho assalariado e capital**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_Assalariado_e_Capital. em
- _____. **Valor de troca no marxismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desse%20produtos%20tenha%20sido%20o. em
- _____. **Valor de uso**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_uso.
- _____. **Joseph Weydemeyer**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Weydemeyer.
- SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. Volume I, Livro 1. São Paulo-SP: Editora Martins Fontes, 3ª ed., 2020.
- SOARES, André Luís. **O estabelecimento do paradigma materialista-mecanicista na ciência: um resumo histórico de sua imposição ideológica como teoria final para toda a realidade**. Blog Ilusões da Matéria, 2016. Disponível em https://www.academia.edu/23718956/O_estabelecimento_do_paradigma_materialista_mecanicista_na_ci%C3%A2ncia_um_resumo_hist%C3%B3rico_de_sua_imposi%C3%A7%C3%A3o_ideol%C3%B3gica_como_teor%C3%A1tica_final_para_toda_a_realidade.
- SOBRAL, Fábio Maia. **Os Grundrisse de 1857-8 como Manifesto Social**. Tese de Doutorado. Campinas-SP: Unicamp, 2008, p. 57. Disponível em <https://1library.org/article/a-rela%C3%A7%C3%A3o-geral-produ%C3%A7%C3%A3o-com-distribui%C3%A7%C3%A3o-troca-consumo.y863o55q>.
- TAVARES, João Claudino. **Friedrich Engels e a pedra filosofal da crítica da economia política**. Verinotio – Revista on-line de filosofia e ciências humanas, n. 20, Ano X, 2015.
- VIEIRA, Pedro. **Os duvidosos fundamentos da economia política: o caso da mercadoria força de trabalho**. Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A008.pdf>.

VIEIRA, Zaira Rodrigues. **Althusser e o significado da dialética em Marx**. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/8fac/372ef3c4eee595b57f78e1370ea4a8a8e61b.pdf>.

WELLEN, Henrique. **1843-44: Marx e Engels e a rejeição filosófica e moral da economia política**. Revista *Novos Rumos*, v. 56 n.1, 2019, p. 1 e 2. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/9049>.

XIMENES, Olavo Antunes de Aguiar. **Aproximação à categoria de modo de produção nos Grundrisse (1857-1858) de Karl Marx**. Dissertação para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, 2017. Disponível em <https://1library.org/article/capital-constante-capital-vari%C3%A1vel-modo-produ%C3%A7%C3%A3o-capitalista-capital.qvpn1gdq>.